

A REPRODUÇÃO DO COMPORTAMENTO SOCIAL HETERONORMATIVO DENTRO DO MEIO HOMOSSEXUAL: A MARGINALIZAÇÃO DOS LGBT COM FOCO NOS GAYS "AFEMINADOS".

Jonnathan Robert Araújo Lobo Cunha¹

Resumo: Este estudo tem como foco uma descrição etnográfica do grupo LGBT, com enfoque nos “gays afeminados” e consiste em uma atividade investigativa, realizada na cidade de Belo Horizonte, na qual foi realizado um trabalho de campo, seguindo como método principal o trabalho de Roberto Cardoso de Oliveira com o Trabalho do antropólogo. O trabalho apresenta o contexto social no qual o grupo se encontra em Belo Horizonte, sua diversidade, suas características, e tenta identificar os significados pertinentes ao grupo, seus rituais e mitos que colocam os homossexuais tidos como mais “afeminados” a margem do grupo, junto com as outras segmentações que possuem suas particularidades.

Palavras Chave: LGBT. Gays Afeminados. Heteronormatividade. Queer. Estudo antropológico.

Abstract: This study focuses on an ethnographic description of the group LGBT, focusing on “effeminate gays” and consists of an investigative activity, held in the city of Belo Horizonte, conducted in a field work, and whose major method is the work “O trabalho do antropólogo”, by Roberto Cardoso de Oliveira. It presents the social context in which the group in Belo Horizonte is inserted, their diversity, characteristics, and attempts to identify the meanings which are pertinent to the group, their rituals and myths that put homosexuals as more "effeminate", on the edge of the group, in conjunction with other segmentations and their particularities.

Keywords: LGBT. Effeminate gays. Heteronormativity. Queer. Anthropological study.

1- INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em uma descrição etnográfica que utiliza como base principal do método o texto de Roberto Cardoso de Oliveira “O Trabalho do Antropólogo”, no qual é preciso executar criticamente o olhar, ouvir e escrever, exercitando o aprendido e compreendido em sala de aula através da reflexão teórica queer para uma escrita e vivência antropológica, através da análise do grupo de pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e

¹ Graduando em Relações Internacionais pela PUC – MG, sob orientação da Professora Doutora Regina de Paula Medeiros. E-mail: jowlobo@yahoo.com.br.

Transexuais, com o foco mais apurado nos homossexuais afeminados, delimitando um recorte do tema para um melhor desenvolvimento da dissertação.

O trabalho consistiu de uma preparação primeiramente teórica. Assim, já colocamos ao nosso olhar uma maneira mais atenciosa para observar os fatos, disciplinando um senso mais crítico, que, segundo o autor “A partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto, sobre o qual dirigimos o nosso olhar já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo”. (OLIVEIRA, 1988, p.19).

Aquilo que nós observamos é uma reflexão da imagem, em que não se consegue sentir aquilo que se observa, podendo notar como determinado indivíduo é excluído. Ao interpretarmos, não sabemos de fato o que este indivíduo sentiu, por ele estar em uma realidade subjetiva ao corpo analisado, porém pode-se perceber aquilo que se está ao redor de maneira mais clara interpretando certos rituais e notando certos símbolos que um grupo de homossexuais pode compartilhar.

O ouvir é complementado pelo observar, quando há o método de pesquisa por “observação participante”, no qual é essencial sabermos apurar nosso ouvir de maneira neutra, sem colocarmos nosso pensamento moral refletido naquilo que se ouve. Para isso, devemos saber ouvir assim como saber o idioma cultural o qual vamos interpretar para que não haja um deslocamento real das informações e através do exposto gerar hipóteses antropológicas:

No ato de ouvir o “informante”, o etnólogo exerce um poder extraordinário sobre o mesmo, ainda que pretenda posicionar-se como observador o mais neutro possível, como pretende o objetivismo mais radical. (OLIVEIRA, 1988, p.23)

A importância deste triângulo da observação apurada, ouvir “atenado” e escrita elaborada é que desta forma uma informação complementa a outra. Segundo Geertz temos duas etapas em nosso processo de formulação: “*Being there and Being here*”, na tradução “Estando lá e Estando aqui”, pois o escritor deve ter um diário de campo e a partir do método etnográfico descrever as situações, apreender os rituais que se encontram naquele lugar a ser estudado e transcrever de modo mais próximo de científico, aproximando àquela realidade do meio acadêmico à cultura estudada para melhor compreensão. Geertz diz:

O que um etnógrafo deve se propor a fazer é se deslocar a lugares, absorver informações sobre como as pessoas vivem “lá” e tornar essa informação disponível de forma prática para a comunidade profissional, não se retrair a bibliotecas e reflexões literárias. (GEERTZ, 1988)

Usado como material de interpretação na pesquisa, o texto “Identidade e diferença” de Stuart Hall, nos deu parâmetros de interpretação do objeto estudado para entendimento dos papéis sociais exercidos, sua identidade, a maneira que a sociedade espera que eles se comportem, e o entendimento dos significados das ações praticadas por eles. Outro texto de Hall: “A identidade cultural na pós-modernidade” nos ajuda a entender o papel das regras e normas na criação de um padrão vigente entre os indivíduos inseridos em um contexto social.

Para Goffman, o indivíduo influencia o modo que os outros o verão pelas suas ações. Por vezes, agir de forma teatral para dar uma determinada impressão para obter dos observadores respostas que lhe interesse, mas outras vezes poderá também estar atuando sem ter consciência disto, complementando a questão identitária, temos a questão do autointeresse balizado pela interação da esfera do eu com a esfera do outro, socialmente produzido.

A análise de discurso também é uma forma de interpretar o contexto ao qual se insere determinado grupo social e se utiliza da análise para melhor percepção do que é vivenciar aqueles mitos e identificar sua origem, através de símbolos.

Utilizamos da escrita etnográfica com diário de campo, anotando e registrando detalhes importantes como expressões, gestos e de gravação de áudio para melhor descrever as falas dos intermediadores e para não nos equivocarmos no processo de transcrição das falas dos entrevistados.

É importante ressaltar a evolução do gênero e sua discussão para desenvolver o raciocínio, pois a confusão que ocorre do corpo masculino que traz consigo trejeitos femininos advém desta ideia de poder e a hierarquia social, com isto Joan Scott conceitua gênero: “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é o primeiro modo de dar significado as relações de poder.”² Para autores como Amílcar Torrão Filho a diferenciação de gênero é:

A diferenciação entre os sexos pressupõe a definição do que são as características que formam a identidade do masculino e do feminino. Não apenas as mulheres aprendem a ser femininas e submissas, e são controladas nisto, mas também os homens são vigiados na manutenção de sua masculinidade. (FILHO, 2005)

Butler, considerada da vertente pós-estruturalista, traz a contribuição como:

² SCOTT, J.W. Gênero como categoria. Op. cit., p.14.

O gênero é, para Butler, uma ficção cultural, o efeito performativo de actos reiterativos. A razão porque não há identidade de gênero por detrás das expressões do gênero é que a identidade é performativamente constituída pelas próprias expressões que são vistas como sendo o seu resultado. Butler advoga a contestação dessa naturalização através da repetição deslocada da sua performatividade, chamando assim atenção para os processos que consolidam as identidades sexuais. (BUTLER, 1990)

A partir desta diferenciação, começamos um processo de discriminação que se dissemina na esfera do meio homossexual também.

2- DESENVOLVIMENTO

2.1 CONCEITUAÇÃO

Através do método citado na introdução analisou-se a estigmatização do grupo LGBT pela sociedade em que está inserido, e a principal motivação é a observação de um cenário conservador que leva a sociedade a agir de maneira discriminatória e a percussão que isto pode ter dentro do grupo de homossexuais despertou algumas curiosidades e indagações sobre essa provável reprodução da estigmatização, que levou a ida para o campo para trabalhar com uma melhor coleta empírica de dados.

LGBT é a sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros, na qual LGB são orientações sexuais e T constitui de identidade de gênero.

Dentro deste contexto, o objetivo é descobrir se realmente há uma estigmatização entre o próprio grupo social. Goffman caracteriza:

Estigma é uma relação entre atributo e estereótipo, e tem sua origem ligada à construção social dos significados através da interação. A sociedade institui como as pessoas devem ser, e torna esse dever como algo natural e normal. Um estranho em meio a essa naturalidade não passa despercebido, pois lhe são conferidos atributos que o tornam diferente. (GOFFMAN,2009)

No caso dos homens gays, chama-se de “afeminados”, que em conceito é: O homem que performa a feminilidade, ou seja, características socialmente construídas definidoras do feminino. (Grifo nosso) e a conceituação de comportamento de heteronormatividade seria:

Expressa às expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural e, portanto, fundamento da sociedade (WARNER,1991)

Existente na sociedade e reproduzida neste grupo social, como apresentado em Stuart Hall em “O corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos servindo de fundamento para a identidade – um exemplo – A identidade sexual” (Hall, 2000:15), e se há também outras variáveis que podem corroborar para a marginalização deste indivíduo ser maior, envolvendo variáveis que podem fazer parte do ser. Para Miguel Vale de Almeida (2004) “O uso mimético do corpo seria a base para alcançar o sentimento de viver em comum com os outros.”

2.2. RECONHECIMENTO DO LOCAL A SER ESTUDADO

A análise foi feita na cidade de Belo Horizonte, onde a cena LGBT possui maior destaque no estado de Minas Gerais por ser a capital, mesmo sendo um dos estados mais conservadores do Brasil. Logo, para o trabalho de campo procuramos uma instituição que nos intermediaria e contextualizaria melhor sobre a discussão existente no meio sobre tal assunto, além desta procuramos coletivos e indivíduos para darem seus depoimentos e a partir destes nos familiarizarmos melhor com os símbolos que o grupo compartilha.

A instituição é conhecida como CRDS-BH (Centro de Referência da Diversidade Sexual de Belo Horizonte), e se responsabiliza em dar acolhimento ao grupo LGBT. Apoiado e pertencente à Secretaria Municipal Adjunta de Direitos e Cidadania (SMADC), tem como objetivo articular intersetorialmente as políticas de proteção social com vistas ao enfrentar as desigualdades sociais, promover e defender os direitos de populações específicas em situações de vulnerabilidade social, como é o caso da população LGBT, desenvolvendo ações voltadas a atendimento e orientação dos casos de violência e discriminação homofóbicas, organização da Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte e advocacy (defesa de direitos), dentre outras funções³.

Visamos aplicar a teoria à prática para entender o comportamento dos grupos, seus rituais, como se identificam, seu mito de origem, símbolos que compartilham, para entender a

³ Disponível no site da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, no programa “BH sem Homofobia”, no livreto com ações de enfrentamento ao preconceito e à discriminação em relação à orientação sexual e identidade de gênero. No link:http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/files.do?evento=download&urlArqPlc=bh_sem_homofobia_versao_eletronica.pdf

base real que nos foi passada através da entrevista com Roberto Chateaubriand Domingues, gerente de Articulação de Políticas Públicas LGBT, pertencente à Coordenadoria de Direitos Humanos, na qual, de maneira articulada e direta, explica o papel da estrutura social no comportamento dos atores, o integrante do coletivo Toda Deseo⁴, David Maurity, de 28 anos, cursa letras na UFMG. Lucas Torres, de 17 anos, estudante do curso de Teatro Universitário da UFMG e Marcelo Souza de 21 anos, também estudante do curso de Teatro Universitário.

3- ARGUMENTAÇÃO

Em um dos locais onde fomos realizar uma visita, havia cartazes motivacionais de aceitação, informativos de palestras de conscientização em universidades de diferentes cidades, muito coloridos, diversas bandeiras com as cores do arco-íris, que representa o movimento LGBT servindo como Hall disserta, uma representação do grupo “A representação atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações em seu interior” (Hall, 1997a).

Ao iniciarmos a conversa, falamos um pouco do objetivo do trabalho, e o representante da instituição, Roberto C. Domingues⁵, inicia melhor o debate acerca do assunto a partir da fala:

A gente não “tá” falando de um universo paralelo ou apartado e quando se diz da reprodução de um processo signatário dentro do próprio segmento nos estamos dizendo exatamente. (DOMINGUES, 2015)

O discurso de Roberto nos faz focar mais nos paradigmas com os quais fomos a campo. Tendo em vista o desprendimento de concepções prévias, visamos interagir e compartilhar símbolos com o mesmo, que são de fundamental importância para entendermos os comportamentos dos indivíduos e chegarmos a um ponto chave de conhecimento. Neste contexto, analisamos através de perguntas de como acontecem os encontros, locais em que estes interagem e os códigos que este grupo compartilha, reconhecimento deste universal ou local, trazendo o grupo para mais perto de nós:

⁴ Grupo originalmente de Teatro Universitário da UFMG, surgiu em 2013, que agora com dois anos de existência cria eventos para comunidade e ganhou conotação internacional por meio das ocupações, obras de teatro e o seu evento “Gaymada” que levou o grupo ser popularmente conhecido.

⁵ Roberto Chateaubriand Domingues é graduado em Direito pela Escola Superior Dom Helder Câmara, graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, especializado pela PUC-MG em Direito Público, especializado em Formação Teórica em Psicanálise pela Sociedade Psicanalítica de Minas Gerais e atualmente é mestrando em Direito.

É o famoso gaydar, que fala mais da prática gay, que a gente reconhece mais quem é do meio e quem não é, mas como você conhece só de olhar? Minha irmã o tempo inteiro fala isso comigo, a gente sai junto e ela pergunta assim: Aquele é? Aquele não é? E é justamente, tem certos códigos que são universais, outro nem tanto, vão depender de cultura para cultura, né? Eu tenho um amigo que mora em Nova Iorque e que disse que Belo Horizonte deixava ele maluco, porque para ele não era comum homens se olharem nos olhos como acontece aqui em Belo Horizonte, aqui a gente passa na rua e a gente olha, mas não necessariamente por interesse, interesse sexual, eu passo por você e aí o olhar cruza e não necessariamente eu tô olhando pra você no sentido de interesse sexual, lá em Nova Iorque, um homem só vai olhar outro, olho no olho se houver interesse sexual e aí ele falava assim que aqui ele ficava maluco, porque eu to passando na rua e o “cara” olha pra mim e eu to acreditando que ele quer me “pegar” e não, ele passa “batido” e vai embora. E aí, é uma coisa meio que da ordem imponderável, eu olho e tenho, é uma coisa do “gaydar” mesmo, aquele olhar ali é outro (...)

O meu amigo de Nova Iorque estava falando de algo que ele não conseguia identificar, mas que eu consigo muitas vezes identificar, quando um homem passa e me olha nos olhos, eu sei quando aquele homem tá me olhando tem interesse e quando tá olhando só porque é da cultura. Tem uma coisa, tem algo, que é da ordem desse desejo, que passa, quase do vibracional, sabe? Mas tem assim, certos códigos, por exemplo, mais explícitos, em alguns cinemas de “pegação”, tem alguns lugares específicos onde você senta e você senta e tá mostrando que quer “chupar” que se você senta tá mostrando quer ser “chupado” em cabine a mesma coisa, são pequenas coisas que indicam se aquele cara é gay ou não e o que está querendo. Por exemplo, um amigo meu disse que foi ver um cinema na Guaicurus, que tinham dito pra ele que é legal, que rolava muito sexo e tal e ele disse que nunca viu tanto “pau duro” na vida dele mas que não necessariamente eram paus de homens gays, eram vários homens “héteros” assistindo filmes pornográficos, o que iria diferenciar era uma certa disponibilidade de locais marcados, de socialização explícita, são coisas bastante pontuais, não existe uma codificação específica, não dá pra falar se é isso, isso e isso.

Eu nunca fui muito bom em ler sinais assim, talvez porque eu já esteja fora do mercado algum tempo, que eu não leio muito bem isso aí, eu fico meio perdido nisso aí, tem certas coisas que demonstram isso, seja em baladas, seja em saunas, a forma como não apenas olham, se tocam, se mostra, se desloca, são coisas que compõem um sistema codificado, mas não tem nenhuma garantia disto.” (DOMINGUES, 2015)

Ao adentrar mais no argumento de Roberto, podemos ver que os símbolos compartilhados variam de cultura para cultura, sendo cultura como um conjunto de símbolos e significados que dão sentido ao modo de práticas e vivências de certo tipo de sociedade ou indivíduo.

Os outros entrevistados dizem a respeito do mesmo mecanismo, Marcelo inclusive fica muito instigado a falar sobre e logo diz que é um ótimo dispositivo, que ele também fica

instigado com pessoas que não são tão fáceis de serem localizadas por este radar gay, já David Maurity diz:

Eu reparo muito é no olhar, se eu faço algum contato na rua é pelo olhar, não sei assim, hum, tem essa coisa do gaydar, de identificar uma pessoa, hoje é cada vez mais difícil mesmo “cê” querer identificar, pela roupa que o outro veste, pelo corte de cabelo, acho que sim, tem muitos fatores recorrentes, mas acho que hoje tá muito diluído (MAURITY, 2015)

A partir disso, define-se o gaydar como um dispositivo interno do grupo de gays homens que se identificam através de códigos e são reconhecidos por homens que exercem a mesma prática social. O vocabulário deste grupo social também reflete uma característica própria e se distingue, como os termos referidos de gaydar.

Hall salienta em “Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído.” (Hall,2000:18). Aquilo que se compartilha intersubjetivamente caracteriza, então, aqueles que são pertencentes ao habitat deste grupo.

Na conversa também com Roberto, ele nos aproxima de outra unidade importante, a geografia do lugar compartilhado por este grupo social, que pode ser de um local específico ou uma localização criada para realização de atos, os quais podem ocorrer em determinado espaço de sociabilidade do grupo tais como banheiros, praças ou cinemas, explorado por eles, mas não necessariamente conhecido pelos indivíduos fora do meio LGBT da grande Belo Horizonte, nos demonstra também um guia de sociabilidade que foi feito junto com órgãos de turismo LGBT, que é feito para este grupo específico:

Do público ganharam a visibilidade, da cidade não necessariamente. Do público sim, por conta de serem espaços constituídos por estes sujeitos, por exemplo, hoje, a Praça Raul Soares é um espaço de sociabilidade LGBT e que se constitui desta maneira em razão da impossibilidade de adolescentes acessarem bares, ou seja, como é proibida a venda de bebidas e a entrada de menores de 18 anos em determinados locais, constitui-se aquele espaço público da praça como um local de sociabilidade LGBT em que esses adolescentes podem se manifestar, a mesma coisa acontece no *shopping* Cidade, onde a gente vê isso com bastante frequência, a gente vai ver a questão, isso em lugares de sociabilidade LGBT dentro de um espaço público ampliado, porque a praça é de todos, o *shopping* é de todos.

Agora, existem locais de sociabilidade sexual, como saunas, como cinemas, como cabines, como banheiros públicos, que muitas vezes são mais subterrâneos, a partir do guia turístico, a gente vai ver, tá separado por bares, boates, cines, restaurantes, saunas, *points* de programa, você vai ver que vão ter vários locais aqui que a população

não reconhece um espaço de sociabilidade sexual gay, por exemplo, como o banheiro do Diamond, que tá aqui, né? O banheiro do parque municipal, a rua goitacazes com ouro preto, no barro preto, são espaços públicos em que a população LGBT, no caso, homens gays especificamente, não no espaço LGBT, mas da comunidade gay utiliza, e meio invisibilizado, porque acontece por meio de códigos, acontece a partir de determinados sinais, então quem não é do meio então passa batido. E isso é curioso porque pode acontecer em qualquer lugar, dois homens gays quando querem se pegar, vão se pegar em qualquer lugar. Então vai ser da balada mais patricinha e “mauricinha” que tiver, até o mais “bafônico” que é aqui na Guaicurus, que é um espaço de sociabilidade “hétero”, vai ter cinema de “pegação” lá onde as “bichas” vão estar fazendo a festa, então são esses espaços que ocorrem na cidade, como ocorre em qualquer lugar. (DOMINGUES, 2015)

Todos os outros entrevistados também dizem que existem locais de Sociabilidade. Lucas Torres nos fala de baladas como locais de encontro, David nos diz sobre os banheiros e a facilidade por serem pessoas de um mesmo sexo, que é que chama atenção e deixa uma prática mais fácil de ser executada e localizada, já Marcelo nos faz remeter a fala de Roberto, quando diz que qualquer local, se necessário, é um local de “pegação” gay.

Através do exposto, já podemos dar início a um entendimento de como este grupo de pessoas é marginalizado e tido como inferior, no que Hall define “Os sistemas simbólicos fornecem novas formas de se dar sentido à experiência das divisões e desigualdades sociais e aos meios pelos quais alguns grupos são excluídos e estigmatizados.” (Hall, 2000:19). E para Butler, em seu livro “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade”, remete ao conceito de identificação como um parâmetro “performativamente constituído”, ou seja, através da questão de interesses, numa barganha de satisfação de interesse, dos padrões de recompensa e coerção. Logo, algo discutido também em Butler, recorda uma problematização de um pilar primordial que pode também ser também identificados no texto sexualidade, cultura e política:

A hierarquia de gênero, articulada a partir da oposição da masculinidade/atividade sexual vs. Feminilidade/passividade sexual, que englobaria de forma sistemática todas as identidades sexuais. A categoria “homem”, nesse caso, abarcaria todos indivíduos do sexo masculino que supostamente mantivessem posição “ativa” em relações sexuais com mulheres ou homens indiferentemente. Homens “passivos”, tratados como “bichas”, “viados”, etc., nos quais atributos anatômicos masculinos se misturariam a características de gênero femininas (as famosas almas femininas em corpos masculinos). (CARRARA; SIMÕES apud FRY,2007)⁶

⁶ O Livro aborda vários pilares que dão a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira, como diz os autores do livro em seu título.

Através disso, vemos símbolos explicitados da atividade sexual ou passividade sexual: os autores definem aquele que é penetrado (passivo) e aquele que penetra (ativo), e é criado um sistema de poder sobre o outro e, portanto, uma hierarquia no ato de copulação dos indivíduos, em que temos a hierarquia de gênero como um mito de origem para esta aversão ao gay dito como feminino, que na sociedade atual, no seu senso, comum seria uma personagem que se aproxima de uma mulher, portanto, naturalmente inferior, submisso e objetificável. Tais ideias são perpetuadas pela influência da bíblia na sociedade ocidental, por uma disseminação religiosa e livros sagrados como a bíblia, conter passagens como:

Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor; porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo. De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos (Efésios, 5:22-24)

Ou

Mas a mulher, quando tiver fluxo, e o seu fluxo de sangue estiver na sua carne, estará sete dias na sua separação, e qualquer que a tocar, será imundo até à tarde; E tudo aquilo sobre o que ela se deitar durante a sua separação, será imundo; e tudo sobre o que se assentar, será imundo; E qualquer que tocar na sua cama, lavará as suas vestes, e se banhará com água, e será imundo até à tarde; E qualquer que tocar alguma coisa, sobre o que ela se tiver assentado, lavará as suas vestes, e se banhará com água, e será imundo até à tarde; Se também tocar alguma coisa que estiver sobre a cama ou sobre aquilo em que ela se assentou, será imundo até à tarde; E se, com efeito, qualquer homem se deitar com ela, e a sua imundícia estiver sobre ele, imundo será por sete dias; também toda a cama, sobre que se deitar, será imunda; Também a mulher, quando tiver o fluxo do seu sangue, por muitos dias fora do tempo da sua separação, ou quando tiver fluxo de sangue por mais tempo do que a sua separação, todos os dias do fluxo da sua imundícia será imunda, como nos dias da sua separação; Toda a cama, sobre que se deitar todos os dias do seu fluxo, ser-lhe-á como a cama da sua separação; e toda a coisa, sobre que se assentar, será imunda, conforme a imundícia da sua separação; E qualquer que a tocar será imundo; portanto lavará as suas vestes, e se banhará com água, e será imundo até à tarde; Porém quando for limpa do seu fluxo, então se contarão sete dias, e depois será limpa. (Levítico, 15:19-28)

A bíblia também cita diretamente a homossexualidade em: “Quando também um homem se deitar com outro homem, como com mulher, ambos fizeram abominação; certamente morrerão; o seu sangue será sobre eles” (Levítico, 20:13), servindo como justificativa para

entender a homossexualidade como algo errado, de natureza de um mundo subjacente ao profano, criando a deteriorização de identidades individuais e coletivas:

Goffman vai dizer de uma identidade deteriorada é o estigma de uma estância é uma representação acerca da identidade que sofre determinada violência, ele entra em processo de deteriorização e eu interiorizo e reproduzo, e isso é o estigma. Estigma entra nesse processo em que eu compartilho certa identidade desqualificada comprando a ideia do outro e agindo na cartilha do outro. (DOMINGUES, 2015)

Interpretando a citação do entrevistado acima, pode relacionar-se a fala com o que Hall entende como “Identidades diferentes podem ser construídas como ‘estranhas’ ou ‘desviantes’. (...) Pode parecer que algumas dessas identidades se refiram principalmente a aspectos pessoais da vida, tal como a sexualidade.” (Hall, 2000:32), na qual a estrutura vigente condiciona as pessoas nela com suas regras e normas sociais tácitas, e um indivíduo que não segue tais padrões tende a sofrer coerção para se adequar no que diverge do comum.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em outro viés da pesquisa, também perguntamos como os entrevistados Lucas Torres, David Maurity e Marcelo Soares se comportariam se possuíam relações com gays afeminados. Eles nos disseram que hoje isso não seria um problema, e se relacionariam com pessoas do grupo referido, mas que em algum momento da vida já falaram que não tinham interesse, de modo algum, em pessoas que traziam trejeitos, que foram quebrando este preconceito e disseram que não interessa um padrão social. Neste contexto, alguns dos entrevistados chegaram a dizer que preferem aos mais heteronormativos, mas que é uma questão de preferência e não de preconceito. A maioria da população LGBT, quando abordada nessa nuance, reproduz o mesmo discurso, que advém de preconceitos imbuídos socialmente.

Em modo de observação nos locais de pesquisa, notou-se que mesmo os gays ditos como “afeminados” não se identificam como em parte das vezes e também não preferem o mesmo grupo, vemos que este reproduz um mundo heteronormativo e estes se subjulgam também, conclui-se que a causa da marginalização advém de seu mito de origem que nos remete a hierarquia de gênero e a abominação do homossexual.

É uma dificuldade no início conciliar os conceitos aos termos referidos no começo, a absorção do contexto social ao qual o grupo referido tem um objetivo central o qual não havíamos notado, este estranhamento da realidade nos permitiu sentir que nos faltava palavras

para expressar o que a estigmatização do indivíduo pode causar a este grupo social, não podemos sentir da mesma forma que o mesmo se sente, mas podemos descrever em partes aquilo que as formas de repressão e repúdio podem fazer a este coletivo através das ferramentas de pesquisa.

O engrandecimento desta pesquisa só pode ser feito através da junção da coletividade, pois como indivíduos isolados não teríamos sentido dentro de toda explanação aqui feita. Portanto, através das instituições que nos acolheram e também dos textos base e complementares, podemos refletir sobre os comportamentos do grupo e elaborar uma análise de forma parcimoniosa que pudesse se redimir de preconceitos e expressar de forma notória o objetivo da pesquisa.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

ALMEIDA, Miguel Vale. O Corpo na Teoria Antropológica. *Revista de Comunicação e Linguagens*, 33: 49-66.

BUTLER, J., 1990, “*Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*”. Nova Iorque: Routledge.

CARRARA, Sérgio; SIMÕES, Julio Assis. *Sexualidade, cultura e política*. cadernos Pagu, v. 28, p. 65-99, 2007

DOMINGUES, Roberto Chateaubriand. Entrevista I. [Setembro. 2015]. Entrevistadores: Jonnathan Robert Araújo Lobo Cunha e Guilherme Rodolfo Silva. A entrevista se encontra transcrita durante todo o corpo do texto.

EFÉSIOS. In: BIBLÍA ONLINE <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/ef>>. Acessado em 12 de outubro de 2015.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Editora Vozes. Petrópolis 2009.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. TupyKurumin, 2006.

KUPER, Adam. *Cultura: A Visão dos Antropólogos*. Bauru, Edusc, 2002

LEVÍTICO. In: BIBLÍA ONLINE. <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/lv>>. Acessado em 12 de outubro de 2015.

MAURITY, David. Entrevista II, Coletivo Toda Deseo. [Outubro. 2015]. Entrevistador: Jonnathan Robert Araújo Lobo Cunha. A entrevista se encontra transcrita durante o corpo do texto.

MISKOLCI, Richard. *Queer Theory and Sociology: the challenging analysis of normalization*. Sociologias 21, p. 150-182, 2009.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: UNESP. 2000

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, vol. 8, 2000.

SOUZA, Marcelo. Entrevista III, estudante. [Outubro. 2015]. Entrevistador: Jonnathan Robert Araújo Lobo Cunha. A entrevista se encontra sobre entrelinhas do texto e é citada.

TORRÃO FILHO, Amílcar. *Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam*. Cadernos Pagu 24, p. 127-152, 2005.

TORRES, Lucas. Entrevista IV, estudante. [Outubro. 2015]. Entrevistador: Jonnathan Robert Araújo Lobo Cunha. A entrevista se encontra sobre entrelinhas do texto e é citada.

Recebido em: 24/10/2015

Aceito em: 31/01/2016